JORNAL DO POVO PARA O POVO

a voz de timor

DIRECTOR: Fernando de Almeida do Carmo

SÁBADO 21 JUNHO 1975

ANO XVI • N.º 785 • Preço 5$00

a voz de timor

Corpo redactorial

DIRECTOR: Fernando de Almeida do Carmo. CHEFE DA REDACÇÃO: Borja da Costa. REDACÇÃO: Júlio Alfaro, José Alexandre Gusmão. REPÓRTER FOTOGRÁFICO: Fernando de Oliveira. CORRESPONDETES: Domingos Zeferino dos Sontos (Metinaro); Edmundo Fernandes (Ataúro); António da Conceição B. Araújo (Manatuto); Afonso de Rego (Laclubar; António Amado Guterres (Laclé); Manuel Doutel Sarmento (Soibada); Abílio Afonso Henriques (Baucau); Francisco P. Viana (Quelicai); Aleixo Guterres (Venilale); Sebastião Aparício Guterres (Baguia); Elias Martins (Laga); Paulo Soares (Vemasse); Anacleto Moniz (Iliomar); João Caetano (Lautém); Valentim Francisco S. Ferreira (Luro); João Ernestino de Andrade (Lospalos); Luís Francisco A. Soares (Viqueque); Júlio Pires (Uato-Lari; Braz Rangel Ferreira (Uato-Carbau); João Coimbra (Ossú); Miguel Soares (Laclúta); Renato Jorge de Meneses (Aileu Laulara, Lequidoe); Zito da Costa (Remexio); Gregório de Jesus (Maubisse); Gaspar de Deus Pereira (Turiscai); Celestino Tilmas (Same); Francisco Xavier da Costa (Alas); Júlio Verdial (Fato-Berliu); João César Corte Real (Hato-Udo); Claudino Vieira (Suai); Cipriano Augusto (Maliana); Martinho Afonso (Balibó); Jacinto Hermenegildo Soares (Atsabe); Luís Viana (Cailaco); Luís José de Oliveira (Lolotoi-Lebos); João Barreto (Bobonaro); Paulo Cabral (Ermera); Gabriel da Costa (Railaco); João Martins Marcelo (Hatolia); Alexandre da Cruz (Atsabe); Carlos de Deus (Lete-Foho); Salvador Tilmas (Liquiçá Anselmo dos Santos (Maubara); Liong Vi Seng (Bazartete); Ambrósio Bano (Oé-Cusse); Patrício Rebelo (Nitibe); Domingos Corbafo (Oé-Silo); Felix de Andrade (Pásabe).

COLABORADORES ESPECIAIS: Dr. Martinho; Cristóvão Santos; Ten. Dorbalino dos Santos, Dr. Figueiredo, Dr. Seabra, Rodrigues Pereira, Figueiredo da Cruz. CARICATURISTA: João Soriano.

ADMINISTRAÇÃO: Gaspar Guterres, Evaristo Amaral, Alberto Cárceres António Freitas.

DIRECÇÃO TÉCNICA — Corte Real

COMPOSIÇÃO — Sebastião Lopes.

IMPRESSÃO — Norberto Pereira, Aleixo Freitas.

PAGINAÇÃO — Mário Soares, Gregório Rego, Tomás Soares, Mário Araújo, Moisés Oliveira.

COMPOSTO E IMPRESSO: IMPRENSA NACIONAL DE TIMOR

TL 7071

21/6/75

"Arbor de Timor"

«Se em valor este canto só merece/"A lei damorte"... ínfima pobreza/

. . . . . .

Que outro vate ou mor engenho cante/ A odisseia do povo...»

são os votos deste filho que se preza do povo "destes lados do Levante" para que a respectiva odisseia, tão heroica nos tempos mais dificeis, não fique esquecida, como, diria alguém – «na lousa fria do esquecimento humano»... oferecemos a seguir a III e última parte do ENSAIO de J. A. Gusmão à apreciação dos leitores:

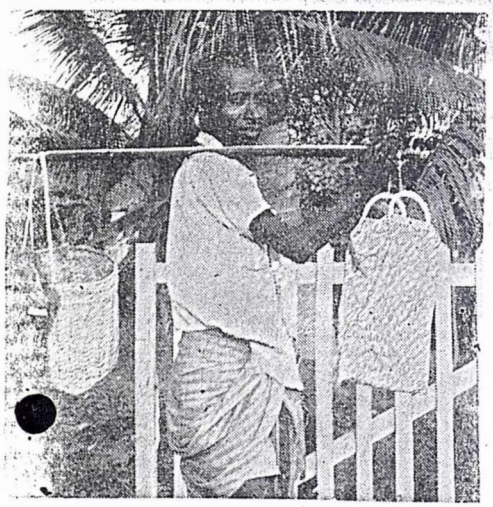
E N S A I O

III PARTE

1.º Prémio do concurso Literária de 1975 do CITT

Díli da colónia é capital,
Dos anos cem o seu bi já viveu,
P'ra qualquer timor Díli é o aval
Do que até aqui só dispendeu.
Hoje cidade airosa, belas ruas
Jardins floridos, electrificados,
Dos timores casas que não são suas,
Dos chinas palácios bem recheados.

Mas Díli, da colónia capital,
T'ra os bairros pobres lindas estradas
Somente do tempo provém o mal
Que quem as fez, não fez esburacadas
Díli, que está na década da vida,
Tomou outro ar, novo aspecto, pausa
Vénia seja feita que é devida
À guerra fraternal e à sua causa.



Por uma política acelerada,
Simbiose rápida de culturas,
Dos anos sessenta a esta parte grada
E p'ra olhar de gentes imaturas,
Sente-se o progresso, melhoramento
E contribuiu para os bons pensantes:
— Que muito tempo foi de sofrimento
Se fizeram hoje, exploravam antes.

Cidade ruidosa não quer ouvir
Os ais do mau-bere que ao largo passa,
Seus filhos mais felizes estão-se a rir
Da inferioridade e desgraça,
De pequenas coisas é grande obreiro
Sinal de vida, marca, cultura
Do artesanato seu verdadeiro
Despreza-lhe o irmão a alma pura.

Pacífica gente, vivendo fora,
Sua horta de milho também cultiva
De frutas, legumes é produtora
A sua fé no futuro é bem viva.
Palapas a vergar de podridão
Em contraste claro, mas necessário
Batata e mandioca pelo pão
Cambático e lipa seu vestuário.

Frígidas paragens onde o esforço humano
Se sumiu em tristeza e escravatura
(Marca de angústias do poder profano
Em moléstias, fome e frio com fartura).
Um mar de corolas a esbranquiçar
Verde encosta, húmida e imponente
Do cafèzeiro o fruto vai mudar
Em café amargo a lágrima quente.

Calejados pés seus caminhos traçam
Da erva mansa o orvalho salta e lava
— Homem e natureza aí se abraçam!
Desde a terra que dias fora cava
Até da fonte a água cristalina,
As flores que risonhas lá despontam
Amenizar procuram-lhe a sina
E seus penares, dia a dia, contam!

Ao vento a balouçar os arrozais
Que em convívio alegre o bom tempo gera
Não muito longe rugem bambuais
Onde cobra ou jibóia lá impera.
O bago do arroz, um produto forte,
Ou estranhos celeiros vai encher
Ou, se resignando cada um à sorte,
Obrigará, o tempo, a ceder.

A agricultura em muito baixo grau
A culpa se atira ao pobre am-bere
Do litoral até ao Ramelau:
— «O timor não produz porque não quere»
E esmolinhas dão (santa caridade ! ! !)
Das estruturas-base em detrimento
Que sirvam a maioria, a sociedade.
É só a alguns como é conhecimento

Que em tudo isto mantém o monopólio
(A quem já possui sempre e mais lhe atiram!)
Por vezes um name consta no fólio
Mas a outros mais as massas vão e giram
Em torno desses pulhas, que em reduto
E à sombra da lei e da exploração
Vem minando o povo em usufruto
Do próprio bem estar. Oh! corrupção!

Em tempos de chuva a estrada veda
De chegar ao fim a esperança.
Desde quatrocentos assim se queda
Em desfaçatez a pedir mudança.
E as ribeiras até ao mar engrossam
De lágrimas, tristezas do habitante
... E sarcásticos risos dos que troçam
E culpam o timor por inconstante!

O muito que se fez ou não se fez
Ou ainda o muito que haja por fazer
Oh! não se culpa o povo português
Nem a todos que cá vieram ter
Mas, sim, a qualquer estrutura falsa,
Aos inconscientes (que grande friso!)
Que ensaiavam tango e dançavam valsa
Fazendo em Timor o seu paraíso!

Final

Se em valor este canto só merece
«A lei da morte» ... ínfima pobreza
De quem só a verdade enaltece...
E juntou à do povo a sua tristeza...
Que outro vate ou mór engenho cante
A odisseia do povo, com amor,
E que por estes lados do Levante
Tremule a bandeira do meu Timor